

José Barata-Moura
(Universidade de Lisboa)

NO LANÇAMENTO DO LIVRO:
ADRIANO MOREIRA. BIBLIOTECA EM BRAGANÇA.

§ 1. *Introdução.*

Começo por agradecer o honroso convite da Câmara Municipal de Bragança, e do seu Presidente, para me associar a esta cerimónia solene, fazendo uso da palavra nesta sessão.

Foi-me dada a grata incumbência de apresentar perante este auditório distinto o importante volume -- comemorativo e informativo -- a cujo lançamento hoje aqui se procede¹.

Gostaria de organizar a minha fala -- cujo enfadonho irremediável quanto ao conteúdo, a brevidade do discurso apenas disfarçará -- em torno de três momentos: o *texto*, o *con-texto*, e o *pré-texto*.

Porventura, na sua unidade dialéctica, estas estações anunciadas vão permitir apontar para os traços significativos que enlaçam este acto.

Comecemos, então, pelo *texto*.

§ 2. *O texto.*

Adriano Moreira. Biblioteca em Bragança, 624 pp. -- é um imponente objecto cultural.

Impressão cuidada. Bem apresentado -- gráfica e documentalmente. Rico e preciso -- no cumprimento da imprescindível função de catálogo. Denotando saberes e sabedoria, nos delineamentos da sua concepção.

¹ *Adriano Moreira. Biblioteca em Bragança*, coord. Armando Fernandes, Bragança, Câmara Municipal de Bragança, 2010.

Foi assim que os organizadores entenderam -- e bem -- que o livro se não quedasse pela competente descrição das espécies bibliográficas (são vários milhares) que integram o acervo, e pela documentação fotográfica de algumas das peças relevantes.

Deparamos, por isso, também com uma seleccionada colectânea de escritos de Adriano Moreira -- que emblematicamente retratam pontos de amarração da sua trajectória intelectual, cívica, e humana.

Esta obra apresenta-se-nos encabeçada ainda -- uma centena e meia de páginas - - por um diversificado e bem nutrido conjunto de depoimentos sobre a biografia, o pensamento, o significado, a repercussão (por vezes, num registo tocantemente pessoal), das polifacetadas intervenções do nosso homenageado.

Tendo-as embora lido -- com gosto e com proveito --, não devo, como será compreensível, adentrar-me por um comentário (forçosamente, empobrecedor) de cada uma destas enriquecedoras contribuições.

No propósito de aguçar -- se preciso fosse -- a curiosidade dos leitores, limito-me a referir, pela respectiva ordem de entrada, os nomes desta pleiade notável de autores (de que, por essa razão, omito o meu próprio):

Armando Fernandes, José da Cruz Policarpo, Aníbal Cavaco Silva, Alexandre Manuel, Luís Salgado de Matos, Anselmo Borges, Joaquim Carreira das Neves, Marcelo Rebelo de Sousa, José Filipe Pinto, António Almeida Santos, António Barbosa de Melo, António Montes Moreira, António Rebelo Duarte, Emílio Rui Vilar, Inês Ponce Dentinho, Ives Gandra da Silva Martins, Manuel Clemente, Manuel da Costa Andrade, Manuela Ramalho Eanes, Teresa Patrício Gouveia, António Jorge Nunes.

Na verdade, e com verdade, a figura caleidoscópica de Adriano Moreira surge-nos na densidade desta prosa multilateral e circunstanciadamente reflectida num caleidoscópio de sentidos testemunhos. A diversidade não devém factor de dispersão; ajuda a concentrar no essencial e a surpreender a imanente riqueza do vulto.

A presente edição encontra-se também disponibilizada em suporte electrónico. A minha inépcia de não praticante das hoje elementares artes informáticas, impede-me, objectivamente, de sobre os seus resultados me pronunciar.

Em qualquer caso, saúdo a oportunidade e a largueza de vista que presidiram à diversificação e à potenciação desta iniciativa editorial. (Não é apenas um sinal dos tempos; é um sinal de que o tempo da cultura tem que manter o passo com o viver concreto dos humanos -- para o poder mais adequadamente perspectivar).

§ 3. *O con-texto.*

O volume que agora ao público se entrega representa um marco numa caminhada. E isso conduz-nos, desde logo, ao *con-texto*.

Muito foi preciso para chegar até aqui -- um tempo tríbulo de contraditórias atribuições. Muito mais será preciso para que este *aqui* se abra à aventura renovada de outras descobertas.

O legado que na sua Biblioteca em Bragança se acolhe é uma deliberada homenagem de Adriano Moreira às suas raízes trasmontanas.

Raízes que ele persiste em cultivar, na presença do seu itinerário de vida. Raízes que, na instrumentalidade da herança, cumpre agora fazer frutificar.

Uma biblioteca não é um emprateiramento do texto. É aquilo que *com o texto* nós chegamos a fazer.

Este é também o sentido -- forçado, semanticamente, muito forçado -- de *con-texto* com que aqui vos pretendo interpelar.

O livro é certamente uma *objectivação* de cultura -- nele se sedimenta e deposita a experiência do *outro*. Mas o livro é também um apelo à *subjectivação* da cultura -- ao exercício, informado e *crítico*, do cultivo dos saberes e da própria humanidade de quem *se* cultiva.

Por parte do leitor, que do teor do livro se apodera -- guardando, rejeitando, transcendendo, reconfigurando. Por parte do leque *alargado* de leitores, que a disponibilização *pública* do acervo significativamente permite aduzir.

Esta é a intenção que sub-jaz à generosidade estratégica da oferta. Este é o desafio que anima, e que não deixará de animar, a tomada a cargo da sua vitalização.

Uma biblioteca é um centro de estudo e de *interrogação* do mundo.

Queixava-se Sócrates -- reduzido a escrito por Platão -- de que, interrogados, os livros não respondem². Pois não -- como nós quem tem que responder !

Em rigor, ninguém pode pensar por nós -- mas todos nos podem ajudar a pensar. E o pensamento que se mobiliza não é indiferente à qualidade da acção que se leva a cabo ...

² Cf., por exemplo, PLATÃO, *Fedro*, 275 d.

§ 4. *O pré-texto.*

Partimos do *texto* -- da obra que aqui lançamos, e do acto de doação que lhe está na origem.

Meditámos em aquilo a que, *com o texto*, a dinâmica da cultura nos con-cita.

E chegamos ao *pré-texto*.

Não falo do «pretexto» -- ou dos aparentes motivos de uma congregação. Falo do *pré-texto* -- de aquilo que estando *antes* do texto lhe desenha as profundas razões de ser.

Quem aqui nos reúne -- é uma pessoa: Adriano Moreira.

A figura é conhecida. Pelo pensamento. Pela acção. Sobretudo, pelo compromisso -- arriscado, e, por isso, controverso -- com a existência e com a destinação de um povo de que se sente parte. Sem abdicar do ponto de vista próprio, da palavra sopesada, da interpelação que desassossega apontando caminhos que, em seu conselho, melhor seriam de trilhar.

Adriano Moreira -- homem de acção, que ao agir, no quotidiano, continua a entregar-se -- é um pensador. Não apenas por aquilo que pensa -- mas, sobremaneira, por aquilo que *dá a pensar*.

E, assim, rasga os espaços da convergência possível, e da divergência não escamoteada. Por isso, é interessante e fecundo dialogar com ele. Aprender, no diálogo com ele -- *ir além*, no muito de rico que diante de nós desdobra.

Atendendo até ao apelido que carrego, não vou *encarecer* os merecimentos de Adriano Moreira. Eu não tenho muito jeito para o encómio, e ele também não morre de amores pelo panegírico.

Não obstante, faço questão de deixar aqui tão-só um testemunho singelo -- mas caloroso -- de *amizade*.

Amizade improvável -- dirão alguns, com precipitação firmados apenas na imediatez alinhavada dos desacordos que entre nós seria possível elencar relativamente a tantas coisas do mundo dos homens e dos deuses.

E, no entanto, uma amizade *com-provada*, na cumplicidade que vamos conseguindo alimentar por várias e diligentes procuras que -- cada um ao seu modo -- fraternalmente partilhamos.

§ 5. *Coda*.

Um Amigo.

Um irmão que -- por outras andanças, na alteridade dos prospectos e na diferença dos projectos -- com inapagável firmeza e *exemplaridade* não desiste das árduas exigências da demanda.

Ao homem, pois, -- íntegro e inteiro -- a homenagem.

A um homem que tem consciência praticada da grandeza -- interpelante e difícil -- que pulsa no reconhecimento, na modelação de um viver trabalhado, de algo que, aparentemente, não sobressai pela imediata imponência:

Como Adriano Moreira um dia escreveu -- dando voz a um fundo inquietamento que sustenta a sagesa --, «Trata-se, enfim, não tanto de ser um homem simples, como de simplesmente ser um homem.»³

Meu querido Adriano, uma vez mais, o *nosso* muito obrigado.

Lisboa, 30 de Setembro de 2010.

³ Adriano MOREIRA, «O verbo eu», *Tempo de Vésperas* (1971), Lisboa, Editorial Notícias, 2002⁴, p. 43.